

Olhar o Sul

MANUEL ENNES FERREIRA



Como é difícil subir a escada

17.10.2020 às 10h28

Os esforços que neste século os países africanos têm feito para modificarem a sua estrutura de produção traduzem-se em resultados bastante assimétricos. Embora os sectores de serviços e da agricultura não tenham sido esquecidos, é a indústria transformadora que centra a maior atenção. Praticamente todos têm planos nacionais de industrialização. Ao nível continental, a União Africana faz-se cada vez mais presente no apelo a essa via como se pode aquilatar, entre vários exemplos, pelo chapéu de chuva que é a Agenda 2063 através da meta 1: crescimento inclusivo e desenvolvimento sustentável (2013-2063), pelo Plano de Ação para o Desenvolvimento Industrial Acelerado (desde 2008), pelo Acordo de Comércio Livre Continental Africano (desde 2019) ou pelo Programa de Desenvolvimento de Infraestruturas (2012-40). E importante também, o apoio dado pela Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (ONUDI) à 3ª Década de Desenvolvimento Industrial das NU para África (2016-25).

As cadeias globais de valor são incontornáveis e a industrialização em África deve atender a isso

Porém, se a boa notícia é que o valor acrescentado tem vindo a aumentar em termos absolutos (quase duplicando desde o ano 2000), a sua importância relativa em termos mundiais diminuiu para cerca de metade no mesmo período (3,5%). A dificuldade em se inserir nas cadeias globais de valor nos patamares mais elevados de exigência explicam os números. Os baixos salários praticados no continente não compensam a baixa produtividade dos fatores de produção. A abundância de recursos tem-se mostrado uma armadilha através da sua inserção nas cadeias globais unicamente pelo estágio inicial, em bruto e sem transformação, ou seja, baixo valor acrescentado. A pequena dimensão do mercado, entendida quer pelo potencial número de consumidores quer pelo poder de compra médio, a par da fraca qualidade das instituições são igualmente importantes entraves à atração de investimento e transformação produtiva para uma inserção de maior qualidade naquelas cadeias de valor. E se a geografia, isto é, a maior ou menor proximidade dos mercados de consumo seja para transformação ou produtos finais, pode ser também uma barreira a ter em conta, África até nem se pode queixar muito. Por exemplo, dois significativos mercados de destino, a União Europeia e os EUA, têm acordos (Cotonou ou o AGOA) que facilitam a entrada de produtos africanos. E pelo mesmo caminho tem ido a China através da uma maior facilidade de importação de produtos

oriundos do continente. Felizmente, e como foi dito no início, há países que têm feito um trabalho esforçado e compensatório. Proximamente voltaremos ao assunto.

Professor do ISEG/ULisboa